

“EU VOU MORAR NO CÉU!”

Morar no condomínio DE DEUS ou construir um condomínio COM DEUS?

Arzemiro Hoffmann, Prof. Ms.

João 14.2-3 – *“Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dita. Pois vou preparar-vos lugar.*

E, quando eu for preparar-vos lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou estejais vós também”.

1. MORAR NO CONDOMÍNIO DE DEUS

Jesus, diante da apreensão e tristeza dos discípulos com os acontecimentos pascais, trata de oferecer-lhes um consolo firmado numa esperança duradoura.

Jesus segue os passos previstos pelo Pai para realizar a missão que lhe fora confiado. Ele tem uma missão com a sua vida terrena e tem uma missão também com a sua partida: *“vou preparar-vos lugar”*. Ele não apenas vai preparar lugar, mas aponta o caminho para chegar lá, e dá plena confiança aos discípulos de que eles também chegarão lá, desde que sigam o caminho: *“Eu sou o caminho a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”*.(v.6).

Ao longo do Evangelho de João, existem inúmeras passagens que afirmam esta convicção e, até a “certeza” ou a confiança na obra e nas palavras de Jesus. Esta certeza expressa-se nos ditos *“Eu sou”*: *Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andarás nas trevas; Eu sou a ressurreição e a vida quem crer em mim ainda que morra viverá; Eu sou o bom pastor o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas...*

Assim acontece também aqui, nesta passagem: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim; eu vou preparar-vos lugar, e quando eu for e vos preparar lugar eu voltarei e vos receberei.*

Estas palavras dão uma certeza quanto ao futuro daqueles que crêem nele e andam nos seus caminhos. Ou seja: **nosso condomínio no céu, pela fé, está assegurado. Jesus foi preparar um condomínio para nós.**

Mas, isto não é tudo.

Como os discípulos naquele tempo, nós também vivemos tempos de apreensão e de insegurança, apesar da presença de Jesus em nossa vida.

Há poucos dias li o livro do professor Zygmund Bauman “Confiança e medo na cidade”. Ele descreve o medo dos europeus frente aos imigrantes (estrangeiros). Ele propõe uma integração dos imigrantes no lugar da exclusão.

Nosso medo na cidade brasileira não está focado nos imigrantes mas na crescente criminalidade (a maior delas é a corrupção nos órgãos governamentais). À medida

que as cidades cresceram, sua urbanização desordenada, gerou insegurança. E a criminalidade tem o seu maior apoio na impunidade. Sendo assim, nossos condomínios - chamados cidades – deixam-nos sempre intranquilos.

Isto no traz um novo desafio missionário: **Porque temos um condomínio no céu estamos livres para nos dedicar a edificação do condomínio passageiro até a vinda da Nova Jerusalém!**

2. CONSTRUIR UM CONDOMÍNIO COM DEUS

Na atualidade, muitos cristãos ficam olhando para o céu para catar acontecimentos terríveis, catástrofes, desastres espetaculares como sinais, para afirmar que a volta de Jesus está próxima. E, fixados nestes escapismos apocalípticos, eles se esquecem de sua missão principal: a ordem de Jesus é construir aqui o nosso condomínio com Deus.

Que condomínio é este? E qual a nossa parte nele?

Voltemos ao texto. Jesus afirma: *“eu vou preparar-vos lugar”!* Onde? Nós dizemos rapidamente no céu. *“Eu vou morar no céu!”*

Não é isso que Jesus afirma. Ele diz: *“quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também!* (Jo 14.3)

Com esta declaração dele, ninguém vai *“morar no céu”!* Ele está trabalhando e preparando moradas com vistas ao nosso condomínio. O preparar lugar no céu tem a finalidade de construir um condomínio da plena vida para ser concretizada aqui na terra. *“... eu voltarei e vos receberei... Este condomínio é uma cidade!*

Por que uso aqui a palavra condomínio? Explico: a palavra latina equivalente ao *oikos* grego é *domus*. O *domus* significa o espaço do meu domínio, é o meu domicílio. De *domus* vem a palavra domínio, bem como - con-domínio. Quem vive numa cidade encontra-se, na verdade, num grande condomínio. Neste condomínio chamado cidade todos são con-cidadãos, são condôminos afetados por tudo que afeta a cidade.

Em nossa sociedade urbanizada todos nós temos que viver e sobreviver neste condomínio maior que é a cidade.

Como as pessoas se comportam neste condomínio urbano?

Alguns, como Caim (Gn 4.17), vivem fugindo de Deus e de suas responsabilidades cidadãs. Eles constroem seu condomínio fechado. Isolado da insegurança geral da cidade. Assim surgem os condomínios fechados onde as pessoas procuram isolar-se dos problemas urbanos, como se os moradores dos condomínios não fossem parte dos problemas gerais da cidade.

Aqui cabe outra observação. Eu uso a palavra condomínio para significar todo convívio humano num espaço urbano, ou seja, uma cidade é um grande condomínio. Hoje, alguns grupos privilegiados procuram refugiar-se em condomínios fechados - verticalizados ou horizontalizados. Por que? O que os motiva a isso?

Porque o medo e a insegurança é um sentimento comum na cidade. O coração dos cidadãos está conturbado. Eles procuram abrigos, espaços seguros na segurança privada. Mas lamento dizer-lhes: esta segurança não existe. Ou a segurança é coletiva, comunitária ou inexistente.

Assim, voltamos à questão anterior. Se não iremos morar no condomínio no céu, como poderemos construir nosso condomínio com Deus?

Algumas passagens bíblicas apontam indicativos para a saída.

Para a pequena e nascente comunidade na grande cidade de Éfeso, o apóstolo Paulo escreve:

Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, sóis a família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular...(Ef 2.19-20).

A família de Deus é o novo condomínio (con-cidadãos) dos cristãos urbanos. Sua segurança é construída com relacionamentos interpessoais que dignificam suas vidas. O amor cristão é o seu fundamento principal. A comunidade dos que crêem é um espaço de amparo e apoio. Esta comunidade passa a ser o porto seguro no oceano da insegurança urbana.

O autor da carta aos Hebreus anima a comunidade sob semelhantes circunstâncias: *Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir* (Hb 13.14). Baseado nesta realidade transitória vem a exortação de não abandonar a própria congregação, manter a comunhão, a solidariedade e o mútuo apoio. Quem não possui uma pertença, isto é, um espaço de acolhida que lhe confere uma identidade e um sentido para vida está à mercê das futilidades do consumismo.

O Apóstolo Pedro, num período de severa perseguição, anima os cristão “peregrinos e forasteiros” (par-oikós - 1 Pe 2.11ss) a manterem um comportamento exemplar, **preservando os valores do Reino** de Deus em meio a uma sociedade de malfeitores. Outros autores afirmam que a grandeza “paróquia” vem daí e significa: um lar para quem não tem uma casa na cidade.

3. MIRE-SE NO CONDOMÍNIO DE DEUS

E para culminar esta série de textos que apontam para a cidade futura e sua significação para o nosso convívio urbano, lembro a visão de João registrada no Apocalipse: “... e me transportou, em espírito, até uma grande e elevada montanha

e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus” (Ap 21.10).

Para quem ainda acha que a nova Jerusalém estaria situada nas esferas siderais, cai mais este mito: ela será aqui! O que significa isto? Por que, afinal, a nova Jerusalém foi colocada no final da Bíblia?

Bem, poderíamos argumentar que, em contraste ao Paraíso descrito em Genesis 1 e 2 com sua natureza exuberante ecologicamente perfeita o autor do Apocalipse é bem realista. Nosso futuro será urbano. A cultura humana levou-nos ao domínio das ciências e à transformação das coisas criadas. Com os avanços científicos (revoluções industriais) surgem as cidades e com elas o drama social da sobrevivência e da convivência humana. Nesta lógica a cidade estaria como o símbolo de culminância de todo processo científico e cultural da humanidade. É razoável pensar assim. Mas há algo mais intrigante no horizonte. A nova Jerusalém não é fruto do gênio humano, mas obra de Deus.

Proponho que a nova Jerusalém está colocada no final da Bíblia como o horizonte através do qual Deus deseja que nos espelhemos. Explico: Deus quer desafiar os construtores de cidades (e a Igreja) a se espelhareem nas qualidades da Nova Jerusalém. A Jerusalém celeste é o modelo de condomínio que Jesus quer ver concretizado em todas as cidades do mundo contemporâneo.

Quais são as características deste novo condomínio?

Siga os indicativos do Apocalipse:

- 1) A nova cidade não é fruto do progresso humano, mas é criação de Deus. Isto relativiza todo orgulho dos construtores de cidades (aliás muito criticados ao longo da Bíblia). Mas, isto não anula o valor do progresso nem da ciência, pelo contrário desafia-a para ser usada para o bem da coletividade respeitadas as suas condições contextuais: humanas, sociais e ecológicas.
- 2) A nova cidade é o horizonte utópico do Reino de Deus. Portanto, ela se insere na dialética do Reino: o realizável aqui e agora e sua plenitude do futuro (o ainda não), caminham lado a lado. Sem horizonte utópico todo empreendimento urbano se perde nos interesses mesquinhos e privativos.
- 3) A futura cidade - embora utópica - não esta num mero plano de contemplação. Ela está também no âmbito da realização aqui e agora. Os valores do reino sinalizam sua presença em nós e conosco. Estes valores fazem a diferença entre os filhos de Deus e os filhos da perdição.
- 4) A linguagem bíblica usada para falar da nova cidade é expressa nos termos da cidade secular: ela possui seus fundamentos, muralhas, portas... Com a diferença de que os materiais preciosos usados para a sua confecção não possuem mais valor de **mercado**, e sim valores de **estética**. Pois a nova cidade vem depois da

derrocada do mercado (Ap 17-19). Embora a nova cidade tenha doze portas, elas permanecerão sempre abertas (Ap.21.25). Nele flui a liberdade. A liberdade é plena, pois Jesus é tudo em todos.

- 5) A nova cidade é ecologicamente correta: as águas de seu rio são puras e límpidas, as árvores fornecem frutos para o alimento e folhas para a cura. (Ap 22.1ss). Urbanização e respeito ecológico são conciliáveis.
- 6) A nova cidade dispensa a mediação religiosa: não vi santuário (Ap 21.22). Esta afirmação sublinha o ensino paulino: vosso corpo é o santuário do Espírito Santo. Não há mais lugar sagrado no Novo Testamento: sagrada é a vida. A “religião” verdadeira deve ser medida através de sua contribuição para dignificação da vida. Deus é maior que a religião, por isso, ela é dispensada na nova Jerusalém, pois Jesus é tudo em todos. Deus é o imediato isto dispensa mediações.
- 7) Na nova cidade haverá sustento, saúde e água pura em abundância para todos (Ap 22.1ss). Será a superação do “reino das necessidades”. Ninguém necessitará de refúgio em condomínios fechados por causa da insegurança, pois os problemas sociais não mais existirão assim como a maldade e a dominação. Jesus será o síndico que zelará pelos relacionamentos justos.

Por tudo isso, posso argumentar que a NOVA JERUSALÉM - além de ser o alvo utópico do Reino de Deus - é colocada no final das Escrituras para servir de espelho para as ações humanas na construção de seus “condomínios – cidades” onde a vida deve perpassa todo o seu tecido urbano.

Sendo assim, a convicção de possuímos um lugar no condomínio de Deus nos desafia a construir o nosso condomínio com Deus. Jesus foi preparar-nos lugar e quer nos receber em seu condomínio o que nós estamos preparando para recebê-lo em nosso condomínio?